

E S P E C I A L  
**ANTÔNIO M A R I Z**



**A UNIÃO** "Paraíba democrática, terra amada"

JOÃO PESSOA, QUARTA-FEIRA,  
16 DE SETEMBRO DE 2009



**Um exemplo  
de político**

OPINIÃO

# Ele não morreu: encantou-se

Carlos Pereira

Ele foi um político respeitado, ao longo de toda sua vida. Impôs-se a essa atenção especial, mercê da trajetória marcada pela transparência das suas ações e, sobretudo, pela coerência de algumas posições que assumiu, - temerárias e até ousadas - tomadas num tempo em que poucos tiveram a coragem de enfrentar a prepotência e o arbítrio.

Foi um homem que praticou a política como ela deve ser exercitada: com honestidade, com seriedade e principalmente com o orgulho de ser político, sem tergiversar, sem se esconder, sem se acovardar, numa época em que muitos preferiram conviver com a bajulação ao poder discricionário, que subtraiu vidas e corações de tantos brasileiros.

Político decente com todos os atributos que esse adjetivo simples merece, ele foi um dos melhores. E essa decência, característica ímpar de sua vida, não a praticou somente na respeitabilidade aos padrões éticos e morais, mas o fez principalmente no trato com a coisa pública, incluindo-se aí o absoluto respeito ao uso dos recursos do Tesouro que, sob seu comando, foram realmente usados pelo Poder público em favor da maioria da população, com ênfase em programas sociais para os quais mostrou permanente sensibilidade. Soube viver com dignidade, gozando do relativo conforto que lhe proporcionavam os ganhos de Promotor de Justiça ou de parlamentar atuante.

No longínquo março de 1980, quando imperava o regime das eleições indiretas, eu escrevi neste mesmo jornal que ele era um predestinado a subir as escadas do Palácio da Redenção, um dia qualquer,



Mariz era um homem de ação, não de palavras vazias

ungido pelos votos livres dos paraibanos, ele que fora derrotado numa eleição fajuta montada pelo Golpe Militar, na qual o seu grande aliado João Agripino não ousou participar de corpo inteiro.

Construiu sua vida política de degrau em degrau, indo de prefeito de Sousa em cuja administração se houve com raro destaque, a Governador do Estado, passando por Deputado Federal e Senador - funções parlamentares em que honrou as melhores tradições de paraibanos como Samuel Duarte, Argemiro de Figueiredo e outros tantos que, à época, marcaram indelevelmente suas passagens pelo Congresso Nacional, fazendo a Paraíba (bons tempos aqueles) merecedora do aplauso nacional.

Preparou-se com afinco e determinação para ser Governador. Derrotado uma vez, em 1982, não dei-

xou fenecer a perseverança e 12 anos depois, num pleito memorável em que partiu praticamente do zero, tendo contra si adversários reconhecidamente fortes, arrancou das urnas a mais bela vitória da sua festejada carreira política.

Com grandes planos e projetos mal teve tempo de começar o Governo que, no pouco que durou, deixou gravada para sempre, na Paraíba, a marca da solidariedade que, por sinal, foi o dístico de sua curta administração. A cabeça, cheia de ideias e de vontade de fazer o máximo pelo povo do seu Estado, não teve, infelizmente, a ajuda do corpo que começou a falhar desde o tempo da árdua campanha eleitoral.

Foi grande em vida, foi grande na doença e foi maior ainda no estoicismo com que enfrentou, sem choro ou lamentação, o destino de não poder governar o seu povo - como sempre desejou. E se o seu corpo não resistiu, a sua mente produziu ideias e ensinamentos que não morreram com ele. Continuam vivos na memória daqueles que - como eu - tiveram a graça de conviver com ele, de aprender com ele, de sorrir com ele e de chorar por ele.

Quando da sua morte, em setembro de 1995, Divaldo Suruagy, que foi seu companheiro de Senado, citou uma frase concebida por Guimarães Rosa em momento de rara inspiração - certos homens não morrem: encantam-se.

Pois assim foi Antônio Marques da Silva Mariz, que se encantou há 14 anos, deixando-nos, de certa forma, órfãos. Eu que perdi o grande amigo, a Paraíba que perdeu o seu Governador e o Brasil que perdeu um estadista.

Para terminar, não posso deixar presa a exclamação: que grande falta ele nos faz!

## Exemplo para lembrar e seguir

Desde o dia em que deixou o convívio material para ingressar no plano espiritual, em 16 de setembro de 1995, menos de nove meses depois de assumir o Governo da Paraíba, Antônio Marques da Silva Mariz já recebeu inúmeras e merecidas homenagens. A cada ano que passa, e neste dia 16 de setembro de 2009 se completam 14 anos de sua morte, ele é lembrado pelos amigos e pelos admiradores e seguidores de sua postura pessoal e também como homem público.

Tantas quantas homenagens se façam, elas serão cada vez mais necessárias e oportunas, especialmente num país tão carente de homens sérios no comando da coisa pública. Lembrar de Antônio Mariz é trazer para o conhecimento da sociedade, especialmente das novas gerações, a vida e a atuação de um homem que desde cedo assumiu, com coragem e determinação, a defesa dos interesses e dos direitos do povo brasileiro, notadamente das camadas menos favorecidas da população.

Detentor de muitos e importantes cargos públicos, com destaque para os eletivos de prefeito de Sousa/PB, deputado federal por quatro legislaturas, senador da República e governador da Paraíba, Mariz, em nenhum momento de sua vida, se deixou contaminar por qualquer tipo de postura arrogante. Honesto, competente, fiel e corajoso, e acima de



Corajoso, sincero, honesto e altivo, Antônio Mariz deixou uma marca indelével na política brasileira

tudo reconhecido como bom administrador, destacou-se no cenário político nacional pela defesa intransigente dos interesses da Nação; pela coragem de enfrentar o poder discricionário dos governantes da ditadura militar, e pela participação e atuação de destaque nas discussões e encaminhamentos de matérias importantes como a Lei de Patentes e o impeachment do presidente Collor de Melo, das quais foi relator.

Mesmo "brilhando" em nível nacional e até internacional, e sendo reconhecido como exímio jurista e excelente político, Mariz gostava mesmo era de estar perto do povo, dos mais humildes. Era um político que cultivava e praticava a honestidade em tudo que dizia e fazia, e que se orgulhava em afirmar que não queria entendimento com os donos do poder, e que preferia ficar ao lado do povo da Paraíba.

Mariz foi, portanto, um homem que soube honrar as suas raízes, o seu Estado, o seu povo. A sua luta, em vida, apesar das forças antagônicas que se levantaram contra ele, foi sempre vitoriosa. Só perdeu para a morte. E assim mesmo apenas no campo material, já que o seu exemplo e os seus ensinamentos continuam cada vez mais vivos e essenciais à sociedade.

Mariz é, sem dúvida alguma, um exemplo para lembrar e seguir, e isso inclui as velhas, as novas e as futuras gerações.



### A UNIÃO

SUPERINTENDÊNCIA DE IMPRENSA E EDITORA

Fundado em 2 de fevereiro de 1893 no governo de Álvaro Machado

BR-101 - Km 3 - CEP 58.082-010 - Distrito Industrial - João Pessoa - Paraíba. PABX: (0xx83) 3218-6500 - FAX: 3218-6510 - Redação: 3218-6511/3218-6512

[www.paraiba.pb.gov.br](http://www.paraiba.pb.gov.br)

Superintendente  
NELSON COELHO DA SILVA

Diretor de Operações  
MILTON FERREIRA DA NÓBREGA

Diretor Técnico  
WELLINGTON H. VASCONCELOS DE AGUIAR

Diretor Administrativo  
CRISTIANO XAVIER DE LIRA MACHADO

Editor Geral  
SÍLVIO OSIAS

Editor de Cadernos Especiais  
WILLIAM COSTA

Editoração Eletrônica  
ULISSES DEMÉTRIO

CONSELHO EDITORIAL

Lena Guimarães, Genésio de Sousa, Nelson Coelho, Wellington Aguiar, Cristiano Machado, Milton Nóbrega, João Evangelista, Linaldo Guedes, Marlene Alves (UEPB), João Pinto (API), Land Seixas (Sind. Jornalistas), Juarez Farias (APL), Luiz Hugo Guimarães (IHGP), Rômulo Polari (UFPB) e Thompsom Mariz (UFCG)



# 1994: a vitória do povo

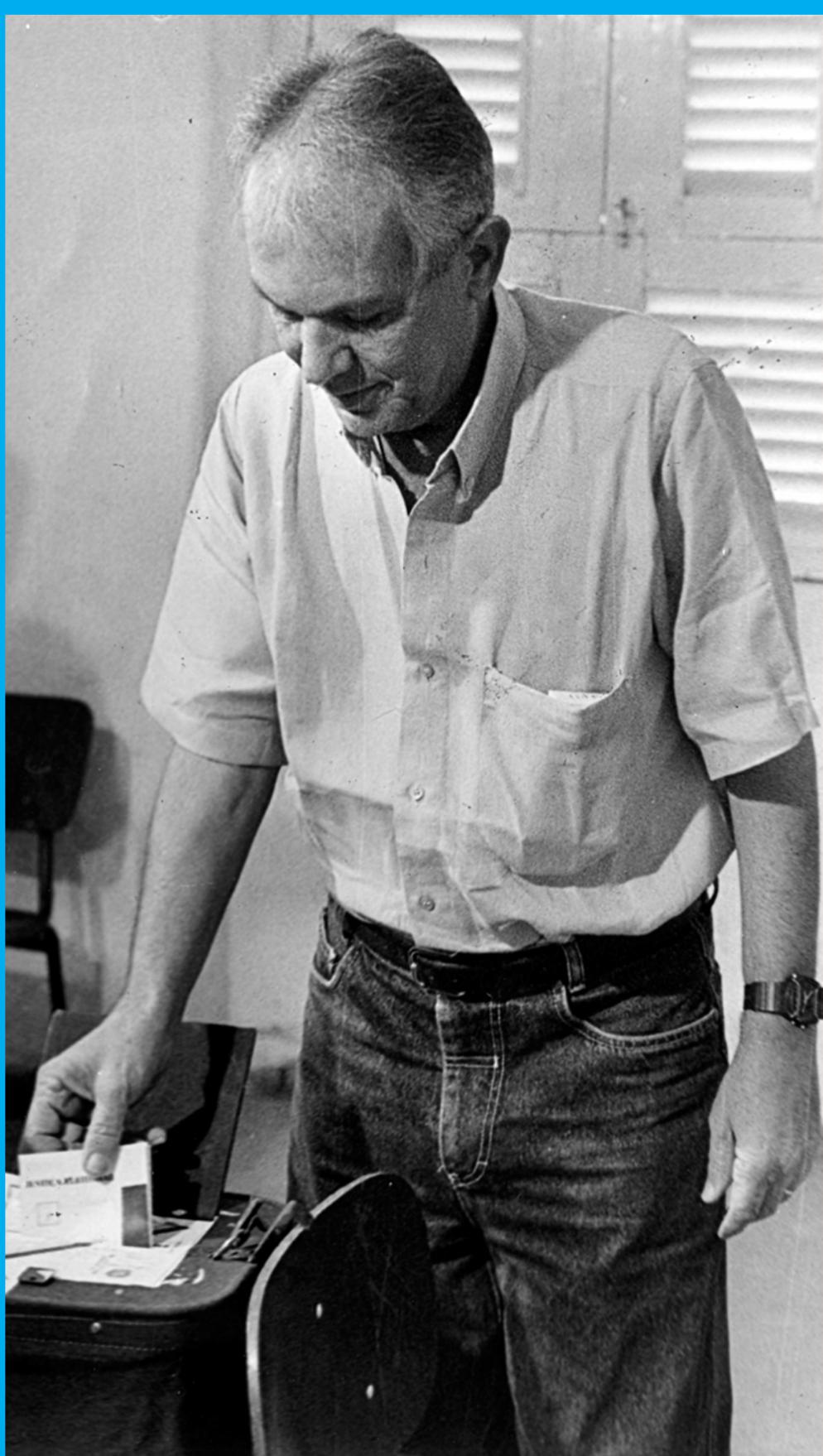
■ Mariz é eleito governador da Paraíba com 781.349 votos e garante a construção de uma Paraíba desenvolvida e socialmente mais justa

João Evangelista

**A**ntônio Marques da Silva Mariz tomou posse no Governo da Paraíba no dia 1º de janeiro de 1995 depois de duas tentativas mal sucedidas de chegar ao Palácio da Redenção, a primeira em 1978, quando, em eleição indireta, mesmo contando com o apoio popular, dos líderes políticos de esquerda e de setores do MDB, foi impedido de governar a Paraíba pelos representantes do regime militar que dominava o Brasil, e a segunda em 1982, quando perdeu as eleições para Wilson Leite Braga.

Em 1994, doze anos depois da histórica eleição de 82, Mariz havia retornado à cena eleitoral paraibana fortalecido pela sua brilhante atuação como senador da República (1991 a 1994). O resultado da nova disputa foi uma vitória, em segundo turno, alicerçada em 781.349 votos - 58,2% dos votos válidos. Sua posse foi marcada pela simplicidade, começando, às 7 horas, com uma missa celebrada pelo então arcebispo da Paraíba, Dom José Maria Pires, e realizada na Catedral Metropolitana, e depois com uma Sessão Solene realizada na Assembleia Legislativa sob o comando do então presidente deputado Gilvan da Silva Freire.

Depois de assinar o livro de posse na Assembleia, o governador seguiu para o palanque armado em frente ao Palácio da Redenção, onde garantiu aos milhares de paraibanos presentes que iria trabalhar para construir uma Paraíba desenvolvida economicamente e justa para com o seu povo. Seu discurso teve por base a defesa dos direitos dos cidadãos e a busca por uma vida mais digna para as camadas mais necessitadas. Começava ali o "Governo da Solidariedade", alicerçado nos princípios e nas convicções de um homem público.



**Não pago qualquer preço para chegar ao poder. Quero governar a Paraíba, mas quero governá-la em nome das forças progressistas, dos ideais de nossa juventude, em nome dos homens e mulheres de bem que lutam, como eu luto, para mudar o mundo**

## Governar a terra natal: um sonho concretizado

Poucos dias antes, ao despedir-se do Senado, Mariz afirmou:

"Preparei-me a vida toda para governar a minha terra. Dediquei-me a vida inteira a esse objetivo. Talvez, contudo, o que me distinga, o que me diferencie da maioria dos políticos seja o fato marcante, de toda minha atividade política, de que não adulo poderosos, não cortejo sequer a opinião pública, tantas vezes enganada pelos interesses escusos da imprensa nacional. Ajo em nome de princípios e valores que julgo expressarem as mais profundas aspirações e padrões de conduta de um povo. Não pago qualquer preço para chegar ao poder. Quero governar a Paraíba, mas quero governá-la em nome das forças progressistas, dos ideais de nossa juventude, em nome dos homens e mulheres de bem que lutam, como eu luto, para mudar o mundo, esse mundo de injustiças em que vivemos, desejando que não haja fome entre os nossos irmãos, combatendo pela solidariedade e fraternidade sociais, que fazem a razão de ser da nossa própria existência a busca de uma democracia justa e humana, que tenha por fundamento a justiça, a comunhão na prosperidade e na riqueza, a dignidade de todos os homens e de todas as mulheres, a liberdade como exercício dos direitos da cidadania".

Na Praça João Pessoa, no dia 1º de janeiro de 1995, a palavra de Mariz encontrou eco e confiança em cada um dos seus ouvintes, que conheciam, muitos de perto, outros muitos pelos noticiários políticos, a sua trajetória de coerência, honradez, respeito com a coisa pública e, acima de tudo, fidelidade com os amigos e com a Paraíba.

A força e a determinação de pôr em prática todo um projeto que já vinha sendo construído então há 17 anos (1978 a 1995), entretanto, não foram suficientes para superar a doença que se instalou em seu organismo e que o tirou do plano material antes mesmo de a sua administração completar nove meses.

# Um amigo corajoso e fiel

■ Na época em que exercia o mandato de senador, Mariz deixou a campanha de lado para defender o companheiro Humberto Lucena

João Evangelista

Quando disputava o Governo da Paraíba nas eleições de 1994, o então senador Antônio Mariz se viu diante de um desafio que para ele chegou a ser mais importante até do que o andamento de sua campanha rumo ao Palácio da Redenção. O seu amigo e companheiro de partido, senador Humberto Lucena, estava sendo ameaçado de cassação por causa de acusações de uso da gráfica do Senado. E foi ele, Mariz, a voz mais forte na defesa de Humberto.

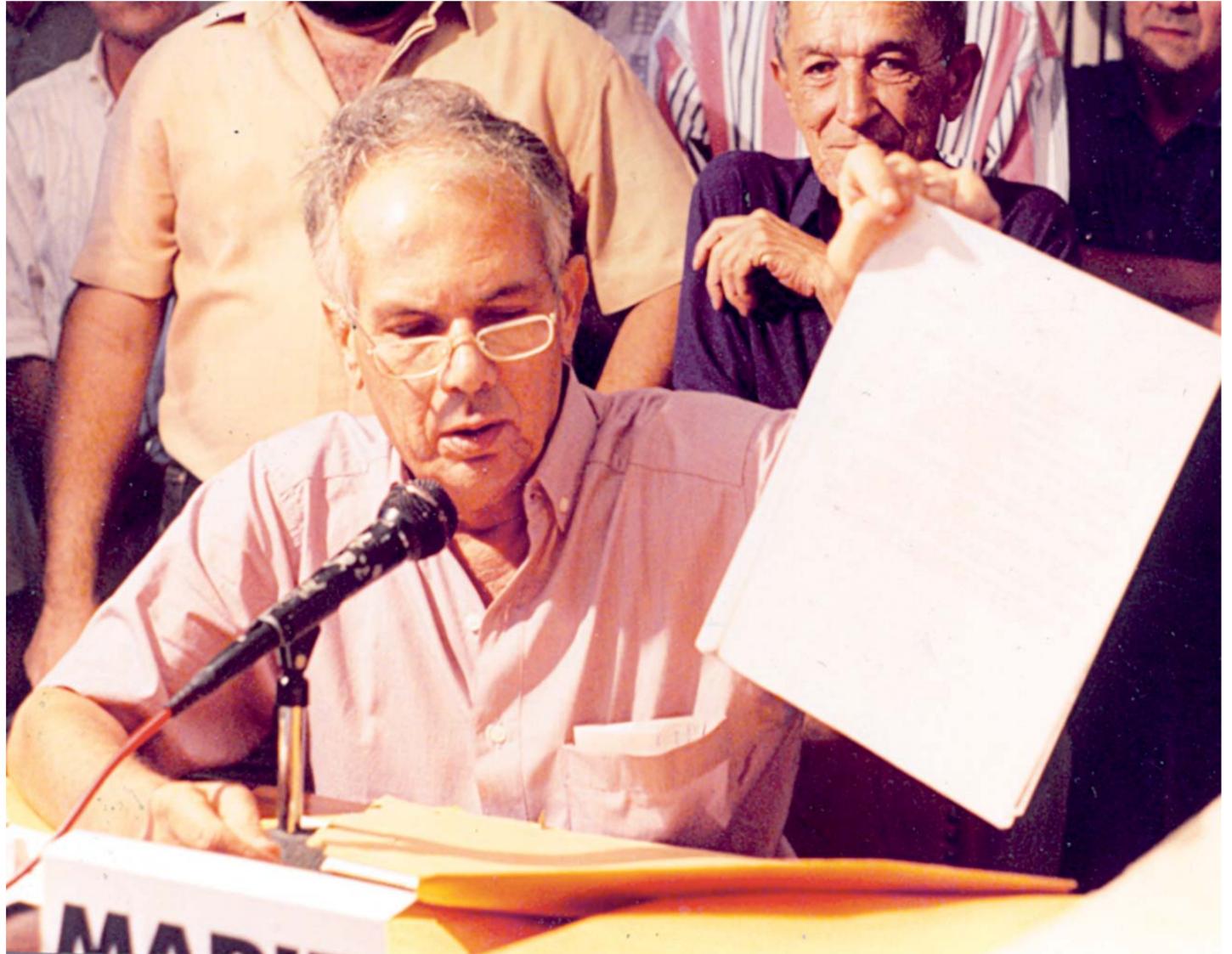
Mesmo sendo candidato a governador da Paraíba, Mariz não teve medo de questionar e combater a posição do Tribunal Superior Eleitoral, que tendia pela cassação de Humberto Lucena. Deixando de lado a sua campanha, "arregaçou as mangas" e partiu para a mobilização que incluiu, além do chamamento de toda a população paraibana, civil e política, para defender o mandato do homem (Humberto) que, a exemplo dele (Mariz), dedicava toda a sua vida aos interesses da coletividade paraibana, um forte pronunciamento na Tribuna do Senado.

"Se a Paraíba fosse incapaz de reagir à violência que se comete contra o mais ilustre dos seus filhos; se faltasse à Paraíba a capacidade de indignar-se, de revoltar-se diante de tão torpe injustiça; então, eu seria o primeiro a não querer ser o seu Governador de Estado. Preparei-me a vida toda para governar a minha terra. Dediquei-me a vida inteira a esse objetivo. Talvez, contudo, o que me distingue, o que me diferencie da maioria dos políticos, seja o fato marcante de que não adulo os poderosos, não cortejo sequer a opinião pública, tantas vezes enganada pelos interesses escusos da imprensa nacional. Ajo em nome de princípios e valores, que julgo expressarem as mais profundas aspirações e padrões de conduta do nosso povo. Não pago qualquer preço para chegar ao poder", enfatizou.

Com o apoio da grande maioria da classe política e da população do Estado, Antônio Mariz, que já andava com a saúde abalada, viu o seu amigo Humberto Lucena, não somente ser inocentado das acusações que levavam à sua cassação, como também ser reeleito para o Senado da República com 415.899 votos - 21,5% dos votos válidos.

Retomando a sua campanha de governador, Mariz conseguiu reforçar a consagração de sua vida pública (que incluiu os cargos de prefeito de Sousa, deputado federal por quatro legislaturas e senador) com uma votação de exatos 781.349 votos.

Naquele momento, o povo da Paraíba provou que confiava nele, e esperou



Em pronunciamento histórico, Mariz disse que não lhe interessava ser governador da Paraíba caso esta negasse apoio ao seu filho ilustre



Mesmo sendo candidato a governador da Paraíba, Mariz não teve medo de questionar e combater com firmeza a posição do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), que tendia pela cassação do senador Humberto Lucena (PMDB)

em Deus a cura do amigo fiel. Infelizmente a doença foi mais forte e o tirou do convívio humano. Só não conseguiu suplantar seus ensinamentos, seus exemplos de liderança, de preocupação com o povo, de seriedade no trato com a coisa pública, de fidelidade e de tantas outras qualidades essenciais a um homem de bem, segundo enfatizaram, e ainda enfatizam hoje, inúmeros representantes da sociedade paraibana e nacional, sem distinção partidária.

## PENSAMENTOS DE MARIZ



"Eu vejo o governo como um instrumento de resgate da pobreza. Acho que a função primordial do governo é exatamente procurar eliminar essas diferenças."

"Os números do IBGE são escandalosos na denúncia do problema de concentração de renda, da qual o Nordeste é a vítima por excelência."

"O problema nordestino deve ser visto numa perspectiva nacional. Interessa ao país restabelecer índices de crescimentos regionais que permitam acreditar na integração das unidades federadas que ali se situam no plano de trabalho, no mesmo plano de prosperidade que o país ambiciona."

"O traço característico dominante dos Governos do Brasil, das elites dirigentes, dos dirigentes dos quadros que detêm o poder

econômico, a característica dessa cúpula nacional é a crueldade, é a incapacidade de agir com senso de humildade, de bondade. É uma classe dirigente cruel".

"Os Governos democráticos não são os que realizam apenas as grandes obras, mas, sobretudo, os que melhoram as condições de vida do povo."

"O fundamental é entendermos e vencermos a afronta de tanta fome num Estado que sequer produz, em seu território, nem mesmo o alimento para a minoria que pode comprar."

"Tentarei um Governo de equipe, voltado, antes de tudo, para a solidariedade que faz da dor de um a dor de todos, e da alegria de todos a alegria de cada um."

Seleção do senador Humberto Lucena  
(in memoriam)

# Trajatória coroada de êxito

■ Mariz foi prefeito de Sousa, secretário de Estado, deputado federal (em quatro legislaturas), senador e, finalmente, governador da Paraíba

João Evangelista

Nascido em João Pessoa no dia 5 de dezembro de 1937, Antônio Marques da Silva Mariz muito cedo foi morar no Sertão da Paraíba. Com a chegada do Estado Novo, decretado por Getúlio Vargas, seu pai, José Marques da Silva Mariz, que era correligionário de Argemiro de Figueiredo, se transferiu para Catolé do Rocha para fugir da perseguição dos adversários e manter-se próximo de suas bases eleitorais. Recebendo sua educação fundamental em Catolé do Rocha, logo cedo Antônio Mariz começou a criar vínculos com o município de Sousa, onde passava as férias em casa de parentes.

De volta a João Pessoa, após o fim do Estado Novo, tendo o pai assumido o cargo de procurador de Justiça, Mariz continuou seus estudos cursando o ginásio no colégio Pio X e o científico no Liceu Paraibano. Durante o terceiro ano científico, transferiu-se para o Rio de Janeiro, onde, pouco tempo depois atuou, como estudante da tradicional Faculdade Nacional de Direito, na permanente luta dos estudantes pelo aperfeiçoamento das instituições políticas brasileiras, destacando-se, sobretudo nas mobilizações da UNE, em nível nacional.

Formado em Direito, Mariz fez um curso de pós-graduação em Ciência Política, em Nancy, na França, em 1959. Retornando ao Brasil, ingressou no Ministério Público, e, ao mesmo tempo, iniciou sua atuação político-administrativa, tendo sido sub-chefe da Casa Civil do Governo Pedro Gondim (1961-1962); prefeito municipal de Sousa/PB (1963 a 1969); secretário de Estado da Educação e Cultura (1969-1970) no Governo João Agripino; deputado federal, em quatro legislaturas; diretor do Desenvolvimento Urbano do Banco Nacional da Habitação (1985-1986); senador eleito em 1990 e, finalmente, governador do Estado, cargo para o qual foi eleito em 1994.

Na Assembleia Nacional Constituinte (1987-1988), Mariz foi presidente da Sub-Comissão de Direitos e Garantias Individuais e Membro da Comissão da Soberania e dos Direitos e Garantias do Homem e da Mulher.

Em sua vida parlamentar, desempenhou importantes missões no exterior e publicou trabalhos que bem caracterizam a autenticidade do seu pensamento político, como "Autonomia Municipal" (1971), "Aposentadoria dos Trabalhadores Rurais" (1971), "Uma Política Brasileira de Proteção aos Direitos Humanos" (1973), "Nordeste" (1977), "Sistema Político Brasileiro" (1978) e "Constituinte - Congresso Democrático" (1988).



Mariz era admirado e respeitado em todos os segmentos da sociedade. Na foto, recebe em audiência ilustres representantes do clero

## Quatro mulheres que marcaram a vida de Mariz

Quatro mulheres marcaram decisivamente a vida de Antônio Mariz. Sua mãe, Dona Noemi, sua esposa, Mabel Mariz, e as filhas Adriana e Luciana.

Da primeira, recebeu os traços de caráter e educação que conservaria pelo resto da vida. Disciplinadora, amiga e conselheira, Dona Noemi sempre esteve ao lado do filho nos momentos de alegria e nos mais cruciais de sua vida, inclusive na morte. Trazendo a fibra própria dos sertanejos, para quem a firmeza de caráter é ponto fundamental na vida, Dona Noemi, ao lado do esposo José Mariz, foi a grande responsável pela sólida formação que Antônio Mariz recebeu e que o credenciou para todos os embates da vida.

Mabel Mariz foi a companheira de toda a vida. Junto a Mariz, ajudou-o a consolidar sua posição política. Sempre confiante e otimista, em momento algum desertou de suas funções, sacrificando os momentos pessoais por uma maior aproximação de Mariz com o povo. Sua casa, em Sousa ou onde residisse, estava sempre aberta aos amigos e correligionários



Mariz no casamento da filha, com Dona Noemi (à esquerda) e Mabel Mariz (à direita)

do marido. No episódio da doença, revelou-se pela sua dedicação e firmeza, estando ao lado de Mariz em todos os momentos graves, até a sua morte.

Das filhas, Adriana e Luciana, Ma-

riz nutria um orgulho típico dos pais amorosos. Nelas depositava todas as suas esperanças de continuidade de seus ideais de vida e de seu pensamento em relação ao povo.



Longas filas se formaram em frente ao Palácio da Redenção, na Praça João Pessoa, onde estava sendo velado o corpo de Mariz. Todos queriam dar adeus ao ex-governador da Paraíba

# Luto na política paraibana

■ A morte de Antônio Mariz, no dia 16 de setembro de 1995, consternou toda a Paraíba e abriu uma lacuna no cenário político do Estado

João Evangelista

**H**á exatamente 14 anos o povo da Paraíba viveu um dos momentos mais tristes da história do Estado: a morte de Antônio Marques da Silva Mariz, um político respeitado até mesmo pelos adversários que chegara ao Palácio da Redenção, em 1º de janeiro do mesmo ano, determinado a construir uma Paraíba melhor para todos os paraibanos.

A notícia do falecimento, atestada pelo médico Ricardo Maia (chefe da equipe que acompanhava Mariz), chegou ao conhecimento dos profissionais de imprensa que ocupavam o pátio da Granja Santana, no bairro de Miramar, em João Pessoa, às 18h58 do dia 16 de setembro - um sábado marcado por uma longa espera que começara na noite da sexta-feira (15), quando chegou às Redações dos veículos de comunicação a informação de que o quadro de saúde do governador havia se agravado.

Noticiado o fato, a Paraíba foi tomada por um sentimento de tristeza absoluta que extrapolou as divisas do Estado e ganhou o cenário político nacional, tão grande era o prestígio do homem que foi deputado federal por quatro mandatos e que, como senador da



Mariz foi sepultado no Cemitério Senhor da Boa Sentença, com honras de Chefe de Estado

República, foi responsável pela relatoria de um dos processos mais importantes da história político-administrativa da Nação - o impeachment do presidente Fernando Collor de Melo.

No dia seguinte, milhares e milhares de pessoas foram ao Palácio da Redenção para se despedir de Mariz. E o sentimento de amizade era tão grande e tão claro no rosto das pessoas que a impressão que se tinha é de que velavam um parente consanguíneo. E Mariz, mesmo sendo um homem assumi-

damente tímido e um pouco sisudo, transmitia essa confiança, chegando até mesmo a ser idolatrado por grande número de paraibanos, especialmente pelos cidadãos dos municípios do Sertão paraibano, onde fixou suas principais bases de atuação política.

Nascido em João Pessoa no dia 5 de dezembro de 1937, Mariz morreu antes de completar 58 anos de idade no dia 16 de setembro de 1995. Velado no Palácio da Redenção, seu corpo foi conduzido em carro de Bombeiros, às 17

horas do dia 17 (domingo), para o Cemitério Senhor da Boa Sentença, onde foi sepultado, com honras de Chefe de Estado, por volta das 19 horas.

## LUTO NACIONAL E RECONHECIMENTO

Na tarde do mesmo dia 17 de setembro, o então presidente da República em exercício, Marco Maciel, assinou e fez publicar decreto de luto oficial por três dias em todo o território nacional em razão da morte do governador Antônio Mariz. No documento, o governo federal atestou o reconhecimento de que "no desempenho das elevadas missões que lhe foram cometidas ao longo de sua brilhante carreira de político e administrador", Mariz "prestou relevantes serviços à Nação".

No mesmo tom de reconhecimento, os integrantes da bancada federal do Partido dos Trabalhadores publicaram nota em que afirmaram que "Antônio Mariz muito contribuiu para o processo de democratização do país, tendo desempenhado papel significativo no processo constituinte, que democratizou o Brasil, e no Senado Federal, onde participou ativamente da Comissão Parlamentar de Inquérito que culminou com o afastamento do ex-presidente Fernando Collor de Melo".

## OPINIÃO

## Um rebelde por natureza

Jório Machado\*

A trajetória política de Mariz é toda ela pontilhada de lances de rebeldia. Talvez por isso lhe tenham custado muito caras todas as posições conquistadas até hoje. O mais arriscado dos protestos talvez tenha sido aquele da Central do Brasil, quando ele engrossou a primeira fila de estudantes que ocupavam os trilhos da linha férrea e assim impediram o fluxo dos trens, no Rio de Janeiro. Era a UNE, cumprindo a sua parte na aliança com trabalhadores, em que Mariz já militava na adolescência.

A decisão mais difícil foi a de se candidatar a prefeito de Sousa, enfrentando um grupo muito forte, política e economicamente, com o complicador de ser correligionário e seguidor da orientação do recém-eleito senador João Agripino. Todos integrantes dos quadros da bem estruturada UDN, a União Democrática Nacional, também chefiada por Agripino. O senador interveio no sentido de evitar a candidatura de Mariz, considerada desastrosa à unidade da UDN em Sousa.

Mariz resistiu às pressões, largou a subchefia da Casa Civil (Governo Pedro Gondim), ingressou nos quadros do PTB e se lançou candidato por uma legenda sem expressão eleitoral. Venceu a eleição por sete votos, consagrando-se prefeito da quarta maior cidade em importância econômica, política e cultural do Estado, com apenas 25 anos.

Veio o golpe militar de 64 com as ações coordenadas, na Paraíba, pelo general Candal da Fonseca. Mariz foi colocado sob suspeita, tanto por Candal como pelo general Justino Alves Bastos, comandante do IV Exército. Mariz tinha aberto espaço, no município, para organização dos agricultores, a exemplo do que acontecia na Várzea do Paraíba com as Ligas Camponesas. Por cima, quando João Goulart foi deposto, Mariz promoveu um comício de protesto contra o motim de Minas Gerais.

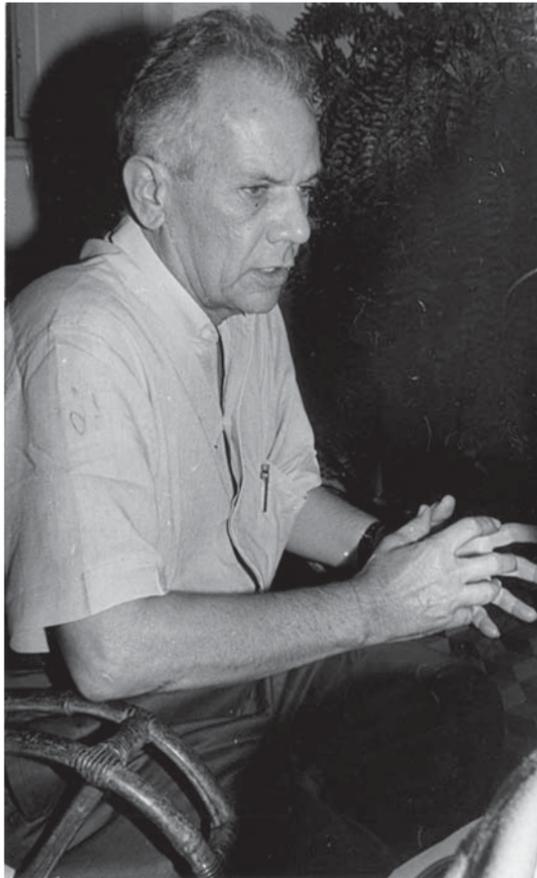
Seus correligionários mais graduados, temendo represália do sistema, pressionaram o prefeito a desmarcar o comício, ao que Mariz sentenciou: "A concentração foi anunciada e vai se realizar, no local e hora marcada. Os senhores ficam liberados do comparecimento".

Foi o maior comício realizado em Sousa, até aquela data. Todo o partido compareceu, não apenas para protestar, mas para cobrar também a resistência de todos os democratas. Mariz terminou preso no Grupamento de Engenharia e deposto pela Câmara dos Vereadores, a serviço do golpe. Só reassumiu depois de uma devassa na Prefeitura, em que nenhuma irregularidade foi encontrada. Voltou nos braços do povo.

Eleito deputado federal, plantou-se no Congresso e na Câmara Federal como um crítico incansável da ditadura. A censura à imprensa, os maus tratos a presos políticos, as constantes violações dos direitos humanos, a reforma do ensino universitário, com a finalidade de amadurecer estudantes e inibir vocações, o fechamento de entidades de classe, todas essas ações discricionárias do governo militar foram criticadas duramente por Mariz no parlamento nacional.

O grupo militar vitorioso de 64 passou a acompanhar os passos do líder paraibano, que por várias vezes teve o seu nome incluído em listas de cassação. A medida que se desprestigiava junto aos poderosos do dia, crescia seu prestígio popular na Paraíba, ao mesmo tempo em que se consolidava a projeção nacional de seu nome.

Em 1978 as manifestações populares forçaram a chegada do seu nome ao Palácio do Planalto, com apoio da esquerda e de liberais do MDB, que garantiam a não indicação de candidato, na hipótese de



ser Antônio Mariz o escolhido. Nenhum candidato poderia passar pelo chamado Colégio Eleitoral sem a licença do governo. Essa indicação, entretanto, foi descartada pelos generais Geisel e Figueiredo. Por sugestão do ministro José Américo de Almeida, o nome aprovado foi o do professor Tarcísio Burity.

Ao tomar conhecimento da decisão, Mariz reagiu:

"Se admiti que meu nome fosse submetido a esse Colégio Eleitoral singular, é porque percebi que há uma vontade popular manifesta para que eu governe a Paraíba". A irresignação subverteu a regra imposta pela força.

Confirmava-se o primeiro desafio ao sistema revolucionário, com grande repercussão no país. Hasteava-se, na Paraíba, a bandeira da Resistência ao Medo.

Tão grave a rebeldia de Mariz que, logo em seguida, ouviu-se a advertência castrense do Planalto, pela voz do general Golbery do Couto e Silva, ministro chefe da Casa Civil da Presidência da República: "Qualquer disputa no Colégio Eleitoral será considerada como contestação ao regime revolucionário. A isto respondemos com cassação de mandato e de direitos políticos por dez anos".

João Agripino ouviu a ameaça por ocasião de uma conversa telefônica mantida com Golbery, de quem era amigo pessoal. A advertência, entretanto, partia do comando militar da revolução.

Agripino persuadiu Antônio Mariz a desistir do Colégio Eleitoral, queimando o último cartucho na esperança de um recuo.

A resposta de Mariz foi à queima-roupa:

"Mesmo assim, com toda essa ameaça, eu vou à convenção. Não me interessa o que eles pensam da minha atitude. Eu não teria mais condições de pedir voto aos paraibanos".

João não gostou, é claro, mas teve de engolir o sapo. No começo ameaçou "deixar tudo aí e retornar a São Paulo"... Só aos pouquinhos foi amolecendo, sensibilizado pelas manifestações e ponderações de lideranças populares já engajadas no marizismo.

A derrota de Mariz era dada como certa. Afinal, "Colégio Eleitoral" não era outra coisa senão um conglomerado de 320 eleitores, pertencentes aos diretórios municipais da Arena, quase todos amarrados a compromissos com os governos estadual e federal. Mesmo assim, a vitória do candidato oficial, prevista por uma maioria de 106 votos, não passou dos 28 sufrágios. Este resultado pregou um susto de arrepiar cabelos nas hostes do regime militar.

Durante a convenção, todos os eleitores de Burity foram impiedosamente vaiados, um a um, quando se dirigiam à mesa para votar. Só Burity escapou dos apupos, graças a um apelo feito por João Agripino às galerias da Assembleia, tomada de manifestantes. No frígido dos ovos, Burity ganhou na convenção, mas na praça o povo queria Mariz.

A partir daí, nunca mais se falou em unidade da Arena. O partido ficou dividido em duas alas: de um lado Burity e Wilson Braga, e do outro Agripino e Mariz. Pouco tempo depois Agripino e Mariz ingressaram no PMDB, levados por Humberto Lucena. Este, afinal, é o Mariz que a Paraíba inteira conhece. Construiu uma carreira política a duras penas, toda ela montada em cima de três virtudes que lhe são inatas e raramente encontradas nos homens públicos: coragem, inteligência e honestidade.

\* Texto publicado em suplemento de A União (Revista Ponto de Cem Réis) no dia 1º de janeiro de 1995, dia da posse de Antônio Mariz no Governo da Paraíba

OPINIÃO

# Justo, honrado e digno

**Nelson Coelho\***

SUPERINTENDENTE DE A UNIÃO

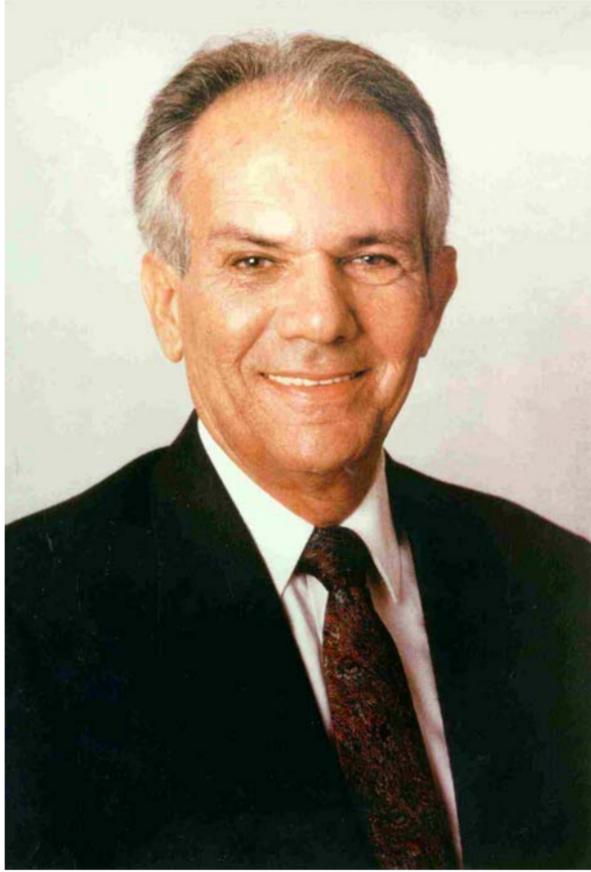
A face transitada da sociedade espelha uma dor. As lágrimas derramadas pela população refletem um sentimento de saudade, atestam um irreparável golpe do destino e molham lenços acumpliados às mãos de milhares de homens e mulheres que, contritos na piedade e na fé, oram votivamente ao Pai Supremo, pedindo pelo irmão que deixou mais cedo a sua existência terrena para entrar na eternidade. A morte de um ser humano gera saudade, enche de pranto familiares e amigos, plasma ao rosto dos semelhantes a dura máscara do sofrimento. A hora da partida, o instante da despedida e o último aceno se somam às reminiscências, testemunhando uma convivência fraturada, definitivamente.

Descrever as emoções do povo é tarefa ingrata ao jornalista, principalmente quando elas exprimem sentimentos guardados nos corações da gente humilde, da massa desassistida. Alguém vai embora, deixando um rastro de admiração, legando um exemplo de probidade e projetando, pela senda da história, como um cidadão que soube exercitar o bem e abominar o mal. Vale o testemunho de uma geração, fica a imagem de um líder.

Mamãe, Mariz morreu? Pergunta uma criança. Deus o levou, responde a mãe. Por quê? Torna a indagar a inocente criaturinha. Desígnios da natureza, diz a madrecita. Ele não devia morrer. É, minha filha, não devia. Mamãe, eu fui no Palácio e sentei na cadeira dele. Recebi uma bandeira e a letra do Hino da Paraíba. Minha filha, Mariz era o governador, olhava pelas crianças, tinha amor pelo seu povo, pregava a igualdade. Ah, mãe, o que é igualdade? Filhinha, igualdade é uma palavra que fazia parte da vida de Mariz. Como? Muito fácil, ele sonhava com a igualdade entre os homens, entre as mulheres. Ele queria que todas as crianças tivessem direito a um brinquedo. Ele trabalhou para que todos os homens tivessem direito a um emprego. Ele foi à luta para que não houvesse oprimidos. Ele se fez político para brigar na trincheira da vida pública para que o Estado pudesse oferecer educação e saúde à população. Ele lutava por liberdade. Ele queria que cada trabalhador tivesse direito à casa própria...

Mãe, ele pegou a minha mão e me fez sentar na cadeira de governador. Vês, filha, ele demonstrou a você a igualdade com a sua pessoa. Mãe, ele fez isso também com os coleguinhas. Outra prova de igualdade, meu amor. Mamãe, por que será que ele não ralhóu com a guria que virou o tinteiro? Amorzinho, isso é coisa pequena. Mamãe, ele disse para a gente estudar. Sim, querida, ele estudou e chegou a governador, se mostrou como exemplo. Mãe, ele falou sobre a Paraíba, disse do seu desejo de construir escola, de dar saúde e emprego à população necessitada. Meu amor, ele estava fazendo isso no governo. Mamãe, por que ele disse para a gente cantar o Hino da Paraíba. Ora, filha, é porque ele queria que vocês aprendam a amar e respeitar a sua terra. Mãe, Mariz tem filhos? Tem, querida, duas moças muito prendadas, a Luciana e a Adriana. Mas, tem todos os filhos desta imensa Paraíba que acreditaram no seu trabalho e acreditam no seu exemplo. Mãe, eu vou chorar por Mariz e sentir saudade. Eu também, filha.

Deputado, Mariz sempre saudava os trabalhadores e os estudantes, por quê? Perguntou um do povo. Mariz tinha respeito pelo operário, pois sabia que ele é a mola mestra na construção da riqueza nacional.



Mariz tinha noção da necessidade do homem ter acesso à terra para produzir. Os direitos do operário, salário mínimo, férias, décimo terceiro salário, FGTS ou tempo de serviço, eram dogmas do ideário político e ideológico de Antônio Mariz. A lei foi feita para pretos e brancos, ricos e pobres, aspectos sociais que Mariz nunca transigiu.

O direito à escolha, a livre manifestação de pensamento, a organização de entidades foram deveres inalienáveis na vida pública de Antônio Mariz. Falar a verdade, ser coerente, honrar os compromissos, ser amigo e solidário aos seus amigos, atributos que em Mariz nasceram e se conservaram até o fim. Justiça social, melhor distribuição da renda, oportunidades equânimes, vertentes que povoavam o discurso de Antônio Mariz. Assim, o deputado respondeu a indagação do trabalhador, do operário.

Mariz, disse certa vez um deputado seu adversário, se você ganhar a eleição, eu, mesmo contra, estarei na Assembleia para lhe ajudar. Agradeço, companheiro. Se eu ganhar, e vou ganhar, você fica na oposição para me fiscalizar, ajudando-me a fazer o governo de seriedade e compostura que a Paraíba merece.

Fulminou um resolutivo Mariz. Não quero entendimento com os donos do poder, falou Mariz em discurso épico nas escadarias do Poder Legislativo do Estado. Vou disputar a convenção partidária, mesmo sabendo que poderei tornar vítima do arbítrio e do autoritarismo do governo, do contrário não terei mais condições de fazer política na Paraíba. Era o Mariz exercitando a democracia, não temendo os arranjos de um regime que estertorava. Não temo a reação, pois, estando do lado do povo, compreendo que presto um serviço à causa da democracia, à sociedade que sabe aonde quer chegar. Não acredito em primeiras informações, tenho a consciência para discernir depois de exaurida a paciência para ouvir. Conceitos impostergáveis nos alforjes da liderança de Antônio Mariz.

E ele, depois de governador, se vai. Sai da vida para entrar na história. Os grandes o recebem como um deles, percebem o valor do seu trabalho, adotam o seu exemplo e o elegem companheiro na tradição e na história, dividindo as honras no altar dos ídolos da terra de André Vidal de Negreiros. Este libertador incendiou os canaviais da Várzea para expulsar o invasor alienígena. Antônio Mariz, o libertador de hoje, teve a coragem cívica de navegar com coerência, entre uma geração de tantos pecadores oprimidos, pregando a transparência nos atos da vida pública de qualquer cidadão, como se ensinasse aos seus conterrâneos a fórmula de banimento dos políticos desidiosos e indignos. Chegou Mariz ao Governo da Paraíba pela porta larga do voto secreto e universal, em campanha memorável escrita com suor, amor e seriedade.

Crianças, estudantes, operários, profissionais liberais, donas de casa e o povo em geral, constata-se uma dura realidade. Mariz se foi, morreu. Acabou o sofrimento, começa a história. Saibam todos, os paraibanos e os patrícios, que um homem decente e puro, correto e leal, probo e humilde, altivo diante dos poderosos e cordato na interação com os pobres, morreu em pleno comando de uma nau, a Paraíba, que conduzia com coragem e dignidade para levá-la ao seu destino de grandeza na constelação dos Estados federados.

**\*Texto escrito pelo jornalista Nelson Coelho, então diretor técnico de A União, e publicado em suplemento especial veiculado em setembro de 1995**